

O ENSINO EMPREENDEDOR E AS REDES COLABORATIVAS NAS REGIÕES NORTE E SUL DO PAÍS

ENTREPRENEURSHIP EDUCATION AND COLLABORATIVE NETWORKS IN THE NORTHERN AND SOUTHERN REGIONS OF THE COUNTRY

Cláudia Schvingel¹, Cristiane Schneider², Eva Pereira da Costa³, Leandra Koempfer⁴, Silvana Neumann Martins⁵, Márcia Jussara Hepp Rehfeldt⁶

RESUMO: O presente artigo apresenta uma breve análise das relações do empreendedorismo com o Ensino e das redes colaborativas como ferramentas para as práticas dos professores. Este trabalho emergiu da disciplina “Educação Empreendedora e Redes Colaborativas” do Mestrado em Ensino da Univates/Lajeado/RS. A abordagem é qualitativa, sendo o instrumento de coleta de dados um questionário com perguntas abertas e fechadas. Os sujeitos pesquisados foram cinco professores, quatro da região Sul e um do Norte do Brasil. Os resultados deste estudo mostram que alguns professores não associam os conceitos empreendedorismo e redes colaborativas ao Ensino, enquanto outros possuem um entendimento mais ampliado.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Empreendedorismo. Redes colaborativas

ABSTRACT: The current article presents a brief analysis of entrepreneurship with education and collaborative networks as tools for teachers' practices. This work emerged from the discipline Entrepreneurship Education and Collaborative Networks of Master's Degree in Teaching at Univates, Lajeado, Brazil. The approach is qualitative and the data collection instrument is a questionnaire with open-ended and closed-ended questions. The subjects researched were five teachers, four from the South and one from the North of Brasil. The results of this study show that many teachers do not associate the concepts of entrepreneurship and collaborative networks with Education, while the others have a broader understanding.

KEYWORDS: Education. Entrepreneurship. Collaborative Networks

¹ Mestranda em Ensino - Centro Universitário UNIVATES. Bolsista FAPERGS/CAPES. Endereço: Av. Avelino Talini, 171, sala 305, prédio 8 - Universitário, Lajeado - RS, 95900-000. Email: clau.dia1@hotmail.com.

² Mestranda em Ensino - Centro Universitário UNIVATES. Endereço: Av. Avelino Talini, 171, sala 305, prédio 8 - Universitário, Lajeado - RS, 95900-000. Email: cristisc@unisc.br.

³ Mestranda em Ensino - Centro Universitário UNIVATES. Endereço: Av. Avelino Talini, 171, sala 305, prédio 8 - Universitário, Lajeado - RS, 95900-000. Email: evinhacosta@ifto.edu.br.

⁴ Centro Universitário UNIVATES. Endereço: Av. Avelino Talini, 171, sala 305, prédio 8 - Universitário, Lajeado - RS, 95900-000. Email: leako@bol.com.br.

⁵ Doutora em Educação (PUCRS). Atualmente é docente permanente do Centro Universitário UNIVATES e, além disso, professora do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas da mesma IES. Endereço: Av. Avelino Talini, 171, sala 305, prédio 8 - Universitário, Lajeado - RS, 95900-000. Email: smartins@univates.br.

⁶ Doutora em Informática na Educação (UFRGS). Atualmente atua no Centro Universitário Univates como professora titular. Endereço: Av. Avelino Talini, 171, sala 305, prédio 8 - Universitário, Lajeado - RS, 95900-000. Email: mreinfeld@univates.br.

Palavras iniciais

O presente trabalho, fruto da disciplina “Educação Empreendedora e Redes Colaborativas” do Mestrado em Ensino do Centro Universitário UNIVATES/RS, permitiu um estudo acerca das concepções da Educação Empreendedora e das Redes Colaborativas. Esta disciplina colocou em “[...] funcionamento outra máquina do pensar” (CORAZZA, 2002, p.56). Essa outra máquina do pensar provocou novas descobertas e aprofundamentos teóricos no que tange ao empreendedorismo e às redes colaborativas para o ensino. Neste estudo, o enfoque apontará as teorizações de alguns autores, tais como: Padini e Santos (2008), Dornelas (2001, 2008), Rehfeldt e Martins (2012), Dolabela (1999), Lopes (2010), Gomez (2004).

Nossas dúvidas sobre Educação Empreendedora e Redes Colaborativas eram muitas, no entanto, no decorrer das aulas, por meio das leituras, discussões, reflexões das professoras e trabalhos desenvolvidos, elas diminuía. Tínhamos como embasamento nesta disciplina, novamente trazendo Corazza (2001, p.18), que “Aquilo de que não se pode saber, é preciso pesquisá-lo”. Debruçamo-nos, desta forma, a estudar aquilo que não sabíamos, no momento, com tanta clareza: a relação do ensino com o empreendedorismo e a importância das redes colaborativas como ferramentas para as práticas pedagógicas dos professores.

A proposta da Educação Empreendedora e das Redes Colaborativas

No início do século XX, a palavra empreendedorismo foi utilizada pelo economista Joseph Schumpeter, referindo-se à atitude de uma pessoa com criatividade e capaz de fazer sucesso com inovações. Mais tarde, em 1967, com K. Knight e em 1970, com Peter Drucker, foi introduzido o conceito de risco, ou seja, uma pessoa empreendedora precisa arriscar. Analisando ainda as raízes do empreendedorismo, Dornelas (2001) faz um resgate histórico e identifica que a primeira definição do empreendedorismo é creditada a Marco Pólo, sendo o empreendedor aquele que assume riscos de forma ativa e o capitalista o que assume os riscos de forma passiva. Na Idade Média, o termo empreendedor foi utilizado para definir aquele que gerenciava grandes projetos de produção. Este não assumia grandes riscos, apenas gerenciava os projetos (Dornelas, 2001).

O ensino do empreendedorismo não teve sua origem nas escolas regulares, como um conhecimento a ser desenvolvido no currículo escolar, e nem nas ideias dos filósofos. Tem origem nos cursos de administração de empresas, dentro das faculdades de administração. Há um grande receio por parte dos professores de administração ao falar sobre o assunto, porque existem diferenças na formação e na atuação de um administrador e de um empreendedor. Os administradores delegam as funções, desenvolvem as atividades conforme os recursos disponíveis e visualizam as novas oportunidades. Buscam por mudanças, mas, ao mesmo tempo, cuidam para que não haja impacto com os antigos padrões; já o empreendedor visa ao crescimento, sem medo de correr riscos. Empreendedores são administradores, porém



nem todos os administradores são empreendedores, por seguirem uma linha de gestão de negócios pouco flexível (Dornelas, 2008).

Essa questão é de grande destaque, gerando discussões que não atingem consenso. Para responder, grande parte dos autores fizeram estudos com empreendedores que iniciaram suas atividades ainda jovens. O que se tem verificado é que realmente alguns indivíduos possuem características empreendedoras próprias da sua personalidade. Dornelas (2008), autor reconhecido pelo seu conhecimento na área, afirma que um administrador pode vir a tornar-se um grande empreendedor, através do aperfeiçoamento contínuo e da experiência adquirida com a atividade. Assim, cabe analisarmos com Dolabela (1999, p. 68-69):

[...] a tese de que o empreendedor é fruto de herança genética não é mais relevante nos meios científicos, onde a preocupação maior não é a existência ou não de uma possível hereditariedade, mas sim, saber se é possível aprender a ser empreendedor. As conclusões a esse respeito são afirmativas, mas o ensino deve seguir uma metodologia própria, bastante diferente da utilizada no ensino tradicional.

Os empreendedores são as pessoas que encontraram uma oportunidade de negócio e necessitam buscar conhecimento e experiência na área. O empreendedor admira a arte de empreender, busca desenvolver grandes organizações, tem dinamicidade, gosta de desafios e de liderar, características essas contrárias ao ensino tradicional.

Segundo Dornelas (2008, p. 5), “No momento presente, não se tem um movimento predominante, mas acredita-se que o empreendedorismo irá cada vez mais, mudar a forma de se fazer negócios no mundo”. Já para Dolabela (1999, p.69), são considerados exemplos de empreendedores:

Um indivíduo que cria uma empresa, qualquer que seja ela; Uma pessoa que compra uma empresa e introduz inovações, assumindo riscos, seja na forma de administrar, vender, fabricar, distribuir ou de fazer propaganda dos seus produtos e/ou serviços, agregando novos valores; Um empregado que introduz inovações em uma organização, provocando o surgimento de valores adicionais.

Ao pesquisar em livros e sites o conceito de empreendedorismo, encontramos diferentes interpretações para a palavra, porém, usualmente, é usada como: a arte de inovar ou aperfeiçoar o que já existe. De acordo com Dornelas apud Schumpeter (2008, p. 22), “O empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços”. Os empreendedores bem-sucedidos possuem em suas organizações missão e visão bem definidas, tomam decisões bem pensadas, valorizam a produção. Por consequência, são extremamente comprometidos com seu trabalho, são líderes, valorizando e estimulando os seus pares. Além disso, incentivam a formação de grandes equipes, fazendo com que todos se sintam desafiados e responsáveis pelos resultados a serem alcançados. Os empreendedores com senso de liderança são articulados, sabem valorizar o potencial de outros membros, estimulam,



recompensam, formando uma equipe. Para obterem sucesso, dependem de uma equipe que trabalhe em conjunto e de profissionais competentes. Quem não sonha em ter uma equipe composta por profissionais competentes?

Em um ambiente competitivo como o nosso e uma economia com elevada escassez de talentos, contar com um grupo integrado apenas de profissionais que apresentam um desempenho muito acima dos padrões convencionais é o sonho de consumo de qualquer líder corporativo (NETO; MAGALDI, 2010, p.82).

O termo empreendedorismo é mais conhecido por referir-se à atividade de uma pessoa inovadora que percebe oportunidades no mercado comercial para lançar um novo negócio. Mas, na verdade, o termo descreve uma postura, um conjunto de comportamentos e qualidades como criatividade, inovação, confiança, paixão, que se aplicam tanto aos empreendedores de negócios quanto aos empreendedores sociais e que podem ser ensinados e aprendidos (ROURE, 2001).

O estudo sobre o empreendedorismo no Brasil é uma atividade relativamente nova, pois é a partir da década de 90 que, realmente, essa temática aparece com evidência nas Universidades, expandindo-se, conseqüentemente, na sociedade. Essa busca por trabalhar uma área relativamente nova se dá pelo surgimento de várias empresas no país e porque muitos dos novos empresários não possuíam nenhuma formação relativa ao empreendedorismo, fragilizando as microempresas (Dornelas, 2008).

Segundo Dornelas (2001), o empreendedorismo foi consolidado no Brasil com a abertura da economia que propiciou a criação de entidades como SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e SOFTEX (Sociedade Brasileira para Exportação de Software). Antes desse momento, o termo era praticamente desconhecido e a criação de pequenas empresas era limitada, em função do ambiente político-econômico pouco propício do país. Porém, não significa que não existiam empreendedores. Deve-se salientar que muitos visionários atuaram em um cenário obscuro, deram tudo de si, mesmo sem conhecerem formalmente finanças, *marketing*, organização e outros conteúdos da área empresarial.

No contexto de efervescência de pequenos empreendimentos, é que se visa formar pessoas empreendedoras. Afinal, o que é o empreendedorismo? Quais são as características do empreendedor? Qual a relação com o Ensino? E as redes colaborativas, onde se encontram? Quando se ouve falar em empreendedorismo, muitos apontam para a ideia de mercado, empresas, lucros e/ou quaisquer outros termos que estejam ligados à área da Administração. No entanto, o termo supera essa conceituação superficial e, para Padini e Santos (2008), o empreendedorismo é visto como inovação que desencadeia o crescimento econômico.

Quanto às características do empreendedor, podemos defini-lo, “[...] como aquele que inova, aquele que propõe formas diferentes de fazer as coisas, aquele que reorganiza os recursos produzindo ganhos [...]” (LOPES, 2010, p.4). Os termos usados vão ao encontro das características que se



entrelaçam com a pessoa empreendedora, sendo aquela com capacidade de inovar, com poder de criação e reelaboração, usando principalmente do seu potencial criativo para enfrentar as constantes mudanças na sociedade, adequando-se a elas. “O que se espera são pessoas ativas, que vivam profundamente suas metas e que assumam a responsabilidade pessoal de implementar novas ideias e transformá-las em sucesso” (REHFELDT; MARTINS, 2012, p. 5).

O perfil de um empreendedor também “[...] perpassa pela busca de soluções para os problemas existentes. Ele também não possui estratégias prontas, busca-as quando lhe proporcionarem uma oportunidade e quando lhe exigirem uma nova tomada de decisão” (REHFELDT; MARTINS, 2012, p.6). Ainda segundo as autoras supracitadas, o termo empreendedor foi utilizado para “[...] designar principalmente as atividades de quem se dedica à transformação de conhecimentos em serviços, na geração do próprio conhecimento ou na inovação na área da educação” (Ibidem, 2012. p.11). A educação vem sendo pensada no sentido empreendedor de geração e inovação do conhecimento, ou seja, se há geração e inovação de conhecimento, há construção de conhecimento.

O crescimento profissional não é consequência somente da qualificação técnica; o mercado busca profissionais com conhecimento, mas é primordial a atitude. O conhecimento não tem valor sem aplicabilidade prática. A busca pelo conhecimento é o caminho para o alcance da excelência, visto que gera mudança comportamental através de novos entendimentos e visão diferenciada. Todos que buscam se tornar profissionais

extraordinários devem seguir exemplos de quem já é extraordinário no seu ramo. Tal técnica facilita o alcance de objetivos. Slivnik (2012, p.143) teoriza sobre as pessoas extraordinárias como sendo:

[...] pessoas especiais, porque buscam sua essência, seguem seus valores e batalham por seus objetivos. Essas pessoas trilham seu caminho, fazem suas escolhas e alcançam seus objetivos. Têm uma trajetória única, moldada pelo seu jeito único de ser. São donos de uma aura extraordinária, o que os destaca na multidão.

Os profissionais competentes, ou melhor, extraordinários são empreendedores com sede de vencer, são comprometidos com seus sonhos, buscam sempre desenvolver novas maneiras para aumentar a sua capacidade e a qualidade de seu trabalho. Estes profissionais possuem características próprias: gostam do que fazem, têm motivação, consideram o trabalho um prazer, tendo como resultado o bem feito. Trazem propostas de mudanças ao seu ambiente de trabalho, melhorando a eficiência e a eficácia do processo. Oferecem soluções eficazes através de uma constante avaliação das situações enfrentadas. Também investem em formação continuada, projetando passos bem elaborados (Slivnik, 2012).

A partir das discussões sobre empreendedorismo, surge a necessidade de suscitar um novo tipo de educação, que também requer professores que possuam características voltadas para o desenvolvimento dessas qualidades nos educandos. Um ensino voltado para o desenvolvimento de alunos com atitudes



proativas, criativas, de liderança, características indispensáveis para uma aprendizagem autônoma. Neste contexto de formação é que se aborda a educação empreendedora e suas relações com o ensino. Encontramos em Rehfeldt e Martins (2012, p.11) o conceito de professor empreendedor como o “[...] profissional da educação que deve saber persuadir seus pares e seus alunos de que sua visão poderá levar a todos a uma situação confortável no futuro, que chamamos neste artigo de aprendizagem”.

Como a educação empreendedora está voltada para o desenvolvimento humano, fomentando tantos saberes, a figura do professor nesse processo é fundamental, pois professores com características e posturas inovadoras em sala de aula ajudarão a formar alunos empreendedores. Mas, para isso, o professor deve fazer uso de estratégias de ensino inovadoras, direcionando os alunos para a aprendizagem.

Por isso, é fundamental investir na educação que estimule participação, cooperação, criatividade e inovação desde a infância, e na construção de uma sociedade mais preparada para transformar desafios em soluções. Isso pressupõe o desenvolvimento de habilidades e competências que colaboram para o fortalecimento da autonomia, de um projeto de vida e da liberdade de decidir sobre o próprio destino.

Para tanto, Padini e Santos (2008, p. 159) dialogam que o saber é fundamental para a:

[...] adequação do perfil empreendedor. Compreender aspectos como ousadia, autoconfiança, assertividade, liderança, criatividade,

satisfação pessoal e outros que permeiam o perfil empreendedor, faz parte do processo de aprendizagem que envolve também a pesquisa na organização originada da ação empreendedora.

O empreendedorismo dialoga com a transformação pelo caráter inovador e está relacionado com práticas e valores pessoais, contribuindo para o desenvolvimento econômico e para a criação de novos negócios. Assim, percebe-se que os termos vão ao encontro de características que se entrelaçam. Nesse sentido, a pessoa empreendedora é aquela que tem capacidade de inovar, com poder de criação e reelaboração, usando principalmente do seu potencial criativo para enfrentar as constantes mudanças na sociedade e se adequar a elas.

O saber é fundamental para adequação do perfil empreendedor. Compreender aspectos como ousadia, autoconfiança, assertividade, liderança, criatividade, satisfação pessoal e outros que permeiam o perfil empreendedor, faz parte do processo de aprendizagem que envolve também a pesquisa na organização originada da ação empreendedora (PADINI; SANTOS, 2008, p. 159).

Outro aspecto a ser discutido em consonância com a educação empreendedora são as redes colaborativas, última pergunta lançada. Como vimos, o empreendedorismo está voltado para a educação que busca promover, dentro da escola, o perfil empreendedor nos alunos. Além disso, busca prepará-los para atuarem nas demandas



sociais como sujeitos políticos, críticos e protagonistas de sua própria história.

Nesse contexto de multiplicidades e de rapidez das informações, das características da sociedade globalizada, é que se fala de uma educação em rede que permita as trocas de conhecimentos e experiências entre os diversos atores sociais. Assim, para Gomez (2004), as informações circulam em alta velocidade e em grande quantidade, fazendo gerar [...] uma cultura, uma identidade e um consumo em seu entorno (GOMEZ, 2004, p. 41).

A autora fala de uma sociedade interligada e constituída de redes que divulgam conhecimentos, culturas, tornando cada vez menor a distância entre o homem e as informações que circulam no mundo em tempo real. O que torna isso possível são as ferramentas tecnológicas, como o computador e a *internet*. Esses instrumentos são fundamentais para o processo formativo do homem contemporâneo. Ainda em Gomez (2004, p. 44) encontramos:

Pela internet circulam a leitura e a escrita, criando outras narrativas nas quais a mediação é o eixo de um processo educativo, artístico, tecnológico e científico gerado na rede. O cerne da questão está na politicidade do ato educativo, na escuta de homens e mulheres em situação de inclusão digital para que exerçam seu direito de acesso e inclusão de outros nessa esfera.

O acesso às redes colaborativas na atualidade é essencial para o fortalecimento das relações sociais e de processos educativos. Nas redes transitam as subjetividades humanas e, através delas,

também, os sujeitos podem exercer sua cidadania. Para Gomez (2004, p.45), “A rede global comporta um novo comunitarismo na esfera pública. Ser cidadão significa operar em espaços institucionais governamentais e espaços informais da sociedade civil para a organização política”.

As concepções de rede são muito antigas, pois a esse termo se atribuem várias interpretações. Podemos pensar em redes de pesca, rede de corrupção, rede pública, entre outras. Assim, a palavra chave para a sociedade interconectada é a “globalização”. Uma rede mundialmente aberta para várias conexões. Em espaços educativos, a rede mais usada é a *internet*, instrumento grandioso na construção de saberes por parte do aluno e do professor.

Essa rede se caracteriza por definir um novo paradigma na busca da comunicação, dos sentimentos, da compreensão, integrando a comunicação individual à tecnológica. Isso implica em uma aprendizagem cooperativa, em pesquisas em grupos com propostas educativas, em visitas a *sites*, diálogos escritos entre as pessoas. São propostas de comunicação com o mundo. A cibercultura é uma expressão que indica este processo que vivenciamos, com as imensas repercussões na vida social, econômica e política, dando um novo sentido às práticas educativas.

Caminhos da Investigação

O desafio da disciplina consistia em produzir um artigo coletivo com referencial teórico, relato dos dados coletados, reflexão crítica e problematizada acerca das entrevistas realizadas com professores em instituições educacionais, preferencialmente



uma escola de ensino básico, uma universidade, uma ONG, SENAI/SENAC, EJA, Escola de Idiomas, etc. Com esta tarefa, investigamos o que os sujeitos entrevistados sabiam ou pensavam sobre a temática geradora da pesquisa de campo.

A composição do grupo, de até quatro pessoas, foi feita de forma aleatória. Reuniram-se três integrantes da região sul e somente uma da região norte, com os quais foi desenvolvida uma entrevista semiestruturada, estando assim representadas quatro instituições diferentes, por meio de uma entrevista semiestruturada para: quatro professores da região sul, e um da região norte. Da região sul participaram uma professora da rede pública da Educação de Jovens e Adultos, dois professores de uma escola de Educação Básica, e uma pedagoga do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). O representante da região norte foi um professor ligado a um Instituto Federal de Educação.

A metodologia deste trabalho foi desenvolvida por meio de entrevistas fechadas e abertas, para conhecermos as percepções, interpretações de cinco professores acerca do empreendedorismo e das redes colaborativas. As entrevistas foram desenvolvidas nos locais de trabalho de cada um dos participantes, tendo os mesmos assinado o termo de consentimento livre e esclarecido. Para garantir o anonimato, os entrevistados serão denominados de E1, E2, E3, E4 e E5. O roteiro da entrevista para os professores foi elaborado em três blocos: 1. Formação e Experiência; 2. Educação Empreendedora e Redes Colaborativas; 3. Espaço Aberto. A partir das entrevistas realizadas, serão destacadas, a seguir,

algumas considerações feitas pelos entrevistados.

O que nos revelam os entrevistados

Os cinco professores, ao serem entrevistados sobre o empreendedorismo e as redes colaborativas, trouxeram para a reflexão as seguintes considerações: A entrevistada E1, ao ouvir a palavra empreendedorismo, remete à ideia de “produzir, ter lucratividade, determinação”. Já em relação às características do empreendedor, afirma que o mesmo deve ser “dinâmico e perspicaz”. Essa professora considera-se uma profissional empreendedora em sala de aula, e pensa que a escola também é uma instituição que se mostra empreendedora, mas não soube justificar sua análise. Quanto às redes colaborativas, ao ser questionada sobre a temática, relata não ter conhecimento. Já participou de formação envolvendo o empreendedorismo, mas sobre as redes colaborativas nada sabia.

Para a entrevistada E2 o empreendedorismo significa:

Num primeiro momento logo que este termo começou a ser utilizado com mais frequência remetia meu pensamento a alguém, ou algo, que teve uma ideia nova, algo que não existe, ou que criou algo que possa contribuir com a caminhada da humanidade. Mas hoje entendo que empreendedor é aquele que possui algumas habilidades e competências para enxergar algo, ou alguma coisa, num lugar que habitualmente é visto da mesma forma por muito tempo. Possui uma capacidade de



olhar para as coisas de modo atípico.

Observa-se que existem algumas relações apropriadas no que a entrevistada coloca, pois na área de administração de empresas ser empreendedor é ter habilidades, talentos e capacidade de criar o novo, conforme também pontua Lopes (2010). Assim, constatamos que a E2 aponta que empreendedor é aquele que possui algumas habilidades e competências para enxergar algo, ou alguma coisa, num lugar que habitualmente é visto da mesma forma por muito tempo. Já para as características de um profissional empreendedor, destaca: “[...] sensibilidade estética, criatividade, vivacidade e vontade de fazer algo que ainda não foi feito – quebrar paradigmas”. Além disso, a entrevistada entende que:

[...] ser professor, na contemporaneidade, é empreender a cada dia. Não deveria ser uma qualidade de alguns, deveria ser algo natural de todos, principalmente quando enxergamos gerações que passam por nós e passam despercebidos, incompreendidos, por total incompetência nossa. Enxergar, perceber e sentir o que nossos alunos necessitam, isto é empreender. Tarefa tão simples, mas de extrema complexidade.

Os argumentos vão ao encontro daquilo que propõe Lopes (2010), de que para ser um empreendedor é necessário ter atitude e capacidade de mobilizar as aprendizagens para a construção de uma sociedade menos excludente.

Nas questões envolvendo as redes colaborativas, percebe-se que possui

conhecimentos acerca do assunto, pois considera importante “[...] a educação trabalhar em rede com outras instituições considerando que todos já estamos em rede, no entanto estamos em sistema de rede, mas desconectados”. Para a entrevistada, “[...] estar juntos, conectados, desenvolvermos atividades colaborativamente poderá ser tão importante para as organizações, como para a sociedade e como um todo”. Também diz não ver as escolas fazendo uso destas ferramentas tão importantes, pois pensa que “[...] assim como as redes sociais, as redes colaborativas serão/poderão ser uma nova fase da educação”. Sua visão sobre as redes colaborativas é fragmentada, pois as redes superam o mundo das cooperativas, e estar em rede é, sim, estar imerso no mundo tecnológico:

[...] a *internet* oferece ao movimento educativo a possibilidade de atuar em uma rede solidária ao permitir conexões inéditas, deixando visualizar o poder político dos encontros educativos. É mais do que um simples encontro de massa, quando se percebe que a educação, como ato político, permite participar na esfera do governo por meio de proposições e decisões (LOPES, 2010, p. 41).

O entrevistado E3, quando ouve a palavra empreendedorismo logo associa às “[...] questões que envolvem a abertura de negócios ou atividades industriais/comerciais. É o que geralmente associam a este termo, sobretudo nas mídias e meios de comunicação”. Para muitos, o empreendedorismo está associado à ideia de



mercado, empresas, lucros e/ou quaisquer outros termos que estejam ligados à área da administração. No entanto, o termo supera essa conceituação superficial, ou seja, “[...] o empreendedorismo é um agente de inovação e de mudança capaz de desencadear o crescimento econômico [...]” (PADINI; SANTOS, 2008, p.162).

Um profissional empreendedor, segundo E3, teria como características: “[...] ousadia, coragem e um bom conhecimento sobre o ramo em que pretende atuar”. Para ser um profissional empreendedor, esse entrevistado destaca que se “[...] levar em consideração o sentido mais tradicional do termo, quando pensa nas possibilidades de inovação dentro do trabalho, aí se considera um”. Dolabela (1999) traz, entre tantos exemplos, que um empreendedor bem-sucedido é aquele que introduz inovações. Ainda o entrevistado relata que “[...] tenta inovar e buscar soluções diferentes sempre que é possível”. Acredita que a sua instituição trabalha de forma empreendedora, porque “[...] dá liberdade para criar e desenvolver coisas novas, além de incentivar a renovação das práticas através de diálogo e criatividade”.

Quando questionado sobre as redes colaborativas, respondeu: “não sei muito sobre o assunto”. Pensa serem “[...] conceitos do mundo empresarial que são muito distantes do que realmente pensa sobre o trabalho e sobre a humanidade”. E também acredita que “[...] o teor do conceito, formar redes colaborativas, deveria ser necessário a todo trabalho bem-sucedido, pois a troca e ligação correta entre as funções é a base para um empreendimento coletivo”. O entrevistado faz relação à ideia de rede quando associa que esta se faz necessária para o sucesso do trabalho.

Conforme Gomez (2004), ser cidadão hoje é conviver com a globalização e as conexões existentes. Assim não temos mais como pensar em “dar aula”, sem deixar de fazer uso das ferramentas tecnológicas, ou seja, das redes que fazem parte de nosso contexto, como a *internet*.

Analisando as palavras do entrevistado E4 sobre o empreendedorismo, observamos que apresenta dois conceitos. O primeiro está voltado para a área da administração, pois, de acordo com o entrevistado, “[...] o empreendedorismo na área administrativa é o desenvolvimento de talentos de uma pessoa em função de um retorno financeiro para ela”. O segundo conceito de empreendedorismo está voltado para a educação, quando pontua que “[...] empreendedorismo nessa área está mais voltado para o desenvolvimento de tecnologias que o professor utilize em sala de aula para que os alunos busquem mais conhecimentos e apropriem em favor de seu desenvolvimento e tornem empreendedores”. Sobre as características de um empreendedor, se reconhece como tal, pois:

[...] o profissional empreendedor é aquele que consegue com poucas ferramentas desenvolver algo que possa auxiliar no seu dia a dia. Os alunos, por exemplo, podem ser empreendedores em sala de aula quando eles se unem para sair de uma situação ruim e alavancar seus resultados na escola.

O mesmo conceito encontramos em Gerber (1992, p. 22), quando afirma que “A personalidade empreendedora transforma a condição mais insignificante numa excepcional



oportunidade. O empreendedor é o visionário dentro de nós: o sonhador. A energia por trás de toda atividade humana. A imaginação das mudanças”. Para este autor, o bom empreendedor sempre vive no futuro, nunca no passado e, raramente, no presente. As características do empreendedor são: “[...] personalidade criativa; sempre lidando melhor com o desconhecido, perscrutando o futuro, transformando possibilidades em probabilidades, caos em harmonia” (GERBER, 1992, p. 22). O empreendedor necessita ter várias características, tais como: combinar os sonhos, ser persistente perante os obstáculos que surgem no caminho.

Ao ser questionado sobre ser um professor empreendedor, E4 diz que se considera e acrescenta:

[...] eu saí de uma cidade do interior de Minas Gerais e fui estudar em uma das Universidades mais conceituadas do país. E na sala eu sou um pouco empreendedor porque trago novas metodologias de ensino para os alunos, abrindo novos horizontes que anterior não tinham.

Na fala deste professor percebemos ensaios no uso de novas metodologias de ensino para a produção do conhecimento e Leite (2000, p. 25) dirá que: “O empreendedor é um artista, um criador [...]”. Para despertar características empreendedoras nos alunos, é necessário que haja professores empreendedores dentro das escolas, os quais, por meio de suas estratégias, podem criar situações de aprendizagem que sejam desafiantes. Dessa forma, exige uma postura criativa e inovadora dos professores. Nesse sentido:

As escolas e as IES devem utilizar, sempre que possível, experiências que permitam que os alunos aprendam fazendo, disponibilizar amplamente os recursos das IES, aproximando-os o mais possível do mundo dos negócios, e estimular de fato o exercício de criação e geração de negócios, [...]. Isso denota a importância dos métodos e das técnicas pedagógicas para a educação empreendedora (LOPES, 2010, p. 30).

O entrevistado E4, quando questionado sobre as redes colaborativas, apresenta: “[...] nós temos vários setores, tanto na área industrial, social e na educação, principalmente na área de pesquisa porque visa o desenvolvimento de tecnologias, trocas de experiências entre os pesquisadores”. Para ele, as redes articulam conhecimentos em prol da educação e para os diversos setores da sociedade. Gomez (2004) aponta que a sociedade é global e interconectada, na qual as informações circulam e mudam com muita rapidez.

A professora E5, quando questionada sobre empreendedorismo, pensa num primeiro momento em “[...] construção, crescimento e evolução. A ideia de cooperação, do coletivo, que possibilita resultado mais significativo”. Já as características para ser um empreendedor são: “[...] gostar de desafios e de se permitir, ter autonomia, organização e responsabilidade para estruturar o que se quer construir e saber trabalhar em equipe”. Ela se considera uma empreendedora, tendo: “[...] objetivo maior no trabalho, em negociação não mais coletivo e sim porque se busca desafios, porque gosto e procuro inovação, inovar no processo



trabalhando, percebo autonomia e transmito autonomia à equipe para construção do novo”. Sobre as redes colaborativas, usa como exemplo a própria instituição de trabalho, em que consegue atender a demanda específica na sua área. Quanto à importância das redes, destaca “[...] a boa comunicação, o crescimento coletivo, manter e evoluir no mercado e atender a expectativa regional (local)”.

A educação empreendedora e as redes colaborativas são conceitos que operam com o desenvolvimento humano munido de saberes. É por meio dos professores com características e posturas empreendedoras em sala de aula que podemos ter também alunos empreendedores. Mas, para isso, o professor deve ter estratégias de ensino ousadas, inovadoras, que possam deslumbrar o aluno ao deparar-se com o conhecimento, usando as redes colaborativas para desafiar-lo a querer aprender e crescer. E esse desejo de mudança é uma resposta empreendedora.

A educação com características empreendedoras e o uso das redes colaborativas em sala de aula permitem a formação de alunos mais motivados para frequentar a escola e nela permanecer, o que ainda se constitui como problema. Assim, o ambiente escolar, que deveria auxiliar a comunidade para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, se mostra excludente e reproduz estruturas sociais que, somente por meio da educação, se romperiam. LOPES (2010, p. 1) reflete que:

[...] a educação é discutida como pela qual o homem se faz homem, sendo, portanto, processo fundamental para transmissão de cultura e estrutura do ser humano. Educação,

nesse sentido, mais do que saber as datas comemorativas [...]. Inclui aspectos culturais amplos, como a transmissão de língua, dos valores, e também aspectos simples [...].

Lopes (2010, p.28) ainda ressalta que “[...] as tecnologias permitem a criação de redes para a socialização dos conhecimentos gerados, evitando uma dependência cultural e intelectual, [...]”. Se a escola é a espinha dorsal da educação formal e o Brasil tem passado por significativas mudanças sociais que têm atingido a escola, é necessária a adoção de estratégias de aprendizagem que ajudem a solucionar esses impasses em sala de aula. Ao aliar o conteúdo curricular à educação empreendedora e às redes colaborativas, o aprendizado ganha um novo significado.

Algumas in (conclusões)

Durante os estudos da disciplina “Educação Empreendedora e Redes Colaborativas”, percebemos que o empreendedor é aquele que possui habilidades e competências para enxergar algo, ou alguma coisa, num lugar que habitualmente é visto da mesma forma por muito tempo. Possui uma capacidade de olhar para as coisas de modo atípico. O empreendedorismo é o envolvimento das pessoas que, juntas, levam à transformação de ideias e oportunidades. O incentivo e a necessidade de colocar em prática novas visões geram a criação dos novos negócios de sucesso.

Os empreendedores são pessoas com atitude empreendedora para tomar iniciativas, com percepção de oportunidades, com ideais,



com ousadia, e que fazem uso das redes colaborativas. Inseridos num mundo globalizado, em que as mudanças não param de acontecer, a criação e a inovação fazem-se necessárias para a excelência na docência. O conhecimento sobre o empreendedorismo e as redes colaborativas estimula a transformação das escolas em centros criativos e a implementação da educação empreendedora como conteúdo em todas as disciplinas, mesclando a formação técnica com o desenvolvimento de habilidades empreendedoras de crianças e jovens.

Os programas de formação sobre empreendedorismo e redes para professores, alunos, funcionários também precisam ser pensados de forma a apoiar iniciativas sociais de estudantes ou ainda investir na adoção de novas estratégias pedagógicas em sala de aula. Neste contexto, o professor poderá fazer uso das redes colaborativas como ferramentas didático-pedagógicas para a produção do conhecimento, aliando-as como estratégias de ensino eficazes para o envolvimento dos alunos em práticas voltadas para a cidadania e a visão de mundo.

No que revelam alguns entrevistados, as redes colaborativas não são associadas ao ensino, assim como o empreendedorismo. Da mesma forma, algumas respostas ainda podem ser consideradas embrionárias, pois, conforme descrito neste trabalho, o conceito de empreendedorismo vai muito além de ser um administrador, assim como as redes quando relacionadas às conexões entre as pessoas. Outros entrevistados mostram ter um conhecimento mais ampliado, fazendo uso das redes como ferramentas essenciais para a construção do conhecimento e o

empreendedorismo como fundamental para a criação e inovação.

Para tanto, o uso das redes e o fomento do espírito empreendedor no ensino favorece a participação dos alunos de forma mais abrangente e flexível, contemplando a diversidade das realidades nas quais estão inseridos. Essa concepção de participação incentiva a credibilidade e o papel dos alunos como agentes de mudança social, visando apoiá-los na concretização de suas propostas. Estas propostas estimulam o senso crítico, na medida em que os alunos se envolvem em todas as fases do processo, começando com a percepção e tomada de consciência de uma problemática social, passando a refletir e agir sobre essa problemática.

Ademais, potencializar os alunos com instrumentos que possibilitam seu empoderamento (real) permitirá que sejam vistos não só como líderes do amanhã, mas como agentes e sujeitos de mudança do hoje para a cooperação, justiça, respeito à diversidade, valorização das diferenças de gênero, raça, cultura e religião. Essas características fomentarão todos os envolvidos no processo educativo para o mundo do trabalho. Com base no “aprender a fazer”, busca-se a formação de pessoas a partir da compreensão dos atuais dinamismos da sociedade, e do desenvolvimento de competências empreendedoras por meio das redes colaborativas.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Portal do Empreendedor. **Empreendedor Individual:** entenda o que é. Brasília: [s.n.], 2011. Disponível



em: <<http://www.portaldoempreendedor.gov.br/modulos/entenda/quem.php> / >. Acesso em: 10 out. 2014.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que quer um currículo?**: pesquisas pós-críticas em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes. 2001.

_____. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.) **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 105-131.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do Empreendedor**. São Paulo: Cultura, 1999.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**: transformando idéias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

_____. José Carlos Assis. **Empreendedorismo**: transformando idéias em negócios. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

GERBER, Michael. **O mito do empreendedor**: como fazer de seu empreendimento um negócio bem-sucedido. São Paulo: Saraiva, 1992.

GOMEZ, Margarita Victória. **Educação em rede**: uma visão emancipadora. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.

LEITE, Emanuel. **O fenômeno do empreendedorismo**. Recife: Bagaço, 2000.

LOPES, Rose. **Educação empreendedora**: modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

NETO, Sandro; MAGALDI, José Salibri. **Movidos por idéias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

PARDINI, Daniel Jardim; SANTOS, Renata Veloso. Empreendedorismo e interdisciplinaridade: uma proposta metodológica no ensino de graduação. In: **Revista de Administração da FEAD- Minas**, v.5, p.157-172, 2008. Disponível em: <<http://revista.fead.br/index.php/index/search/advancedResults>>. Acesso em: 10 set. 2013.

REHFELDT, Márcia Jussara Hepp; MARTINS, Silvana Neumann. Práticas de modelagem matemática: uma possibilidade para o professor empreendedor. **Acta Scientiae**, v.14, n.2, maio/ago. 2012. p. 326-338.

ROURE, Mônica de; PÁDUA, Suzana Machado. **Empreendedores sociais em ação**. São Paulo: Cultura Associados, 2001.

SLIVNIK, Alexandre. **O poder da atitude**: como empresas com profissionais extraordinários encantam e transformam clientes em fãs. São Paulo: Gente, 2012.